

AS INCONGRUÊNCIAS DA AUTORIDADE

Dos 42 operários que foram anteontem detidos arbitrariamente no Sindicato Unico do Mobiliário, apenas dois se encontram ainda presos, e estes mesmos devem ser postos hoje em liberdade. Tão mal justificada, tão pouco hábil foi a manobra que gerou aquelas prisões em massa, que a polícia teve de fazer cessar a sua perseguição odiosa mandando soltar os indivíduos detidos. Entretanto, o seu gesto perseguidor a-pesar-de prontamente emendado — porque não o podia deixar de ser merecer a nossa crítica e a nossa repulsa, porquanto ele demonstra mais uma vez, e bem claramente, que a liberdade individual se encontra à mercê de autoridades que têm em muito má conta os direitos de cada um. E' preciso que casos desta natureza não se repitam e que as prisões e deportações, que se fizeram à sombra de «trucs» idênticos ao empregado ontem para prender 42 indivíduos, cessem imediatamente. Os últimos acontecimentos provaram a evidência que apenas o ódio, a cabala e a má fé vêm presidindo as perseguições feitas ao operariado.

A repressão continua

O manifesto publicado pela C. S. T. de Lisboa mereceu o *Mundo* alguns comentários, que, por partirem dum jornal republicano, afecto ao partido democrático, têm o maior valor.

No artigo que o *Mundo*, a propósito publicou, concorda-se, embora com certas restrições, na crítica que nesse manifesto se fazia à obra do partido democrático, apoiando um governo que se tem tornado num perseguidor do operariado.

Pois, a-pesar-disso, e da autoridade moral, que um jornal como o *Mundo*, devia ter na opinião republicana, a repressão ao operariado não só continua, mas recrudescer de intensidade.

Precisamente no momento em que se diz que se está fazendo um inquérito aos actos da polícia, esta fica em liberdade para atulhar as prisões e inutilizar assim elementos que poderiam prestar alguns esclarecimentos para esta deplorável questão.

Os factos agora ocorridos não têm nenhuma explicação plausível. Num sindicato operário, operários da respectiva classe, reúnem-se em assembleia geral. Essa reunião realiza-se legalmente, e a ela assistem agentes de autoridade, como é costume, e que dela fariam o relato circunstanciado aos seus superiores. Como se compreende, pois, que a casa do sindicato tenha sido cercada e as pessoas que ali se encontravam hajam sido presas?

Em que país estamos nós, para assim se proceder contra todos os direitos dum povo civilizado? Que diferença faz a política do sr. Vitorino Godinho da de Primo de Rivera?

Entre os presos chegaram a ser detidos alguns militantes operários que a polícia conhece bem como criaturas incapazes de se imiscuarem em quaisquer tentativas criminosas contra a vida das pessoas e que, quanto a ataques à propriedade, têm limitado a sua acção a uma propaganda doutrinária, toda de princípios, que só podem vir a ter realidade depois dum revolução de carácter universal.

São pessoas que toda a sua vida se têm mantido à custa do seu trabalho, cumprindo honestamente o seu dever. Só resta agora que a polícia nos venha dizer que também esses são da Legião Vermelha...

A revolta na China

A morte dum francês

PEQUIM, 26. — O ministro da França protestou junto do ministro dos Negócios Estrangeiros contra o assassinio dum negociante francês em Kong-Kong.

Chineses expulsos de França

PARIS, 26. — Foram expulsos de França onze chineses.

Um zeppelin monstro para uma expedição ao Polo Norte

BERLIM, 26. — O «Volksische Zeitung» diz que o governo alemão pediu licença aos aliados para construir um zeppelin com mais de 100.000 metros cúbicos, destinado a uma expedição ao polo norte.

O custo da aeronave deve elevar-se a 12 milhões de marcos, tendo sido aberta uma subscrição internacional para obter a respectiva soma.

O aparelho é destinado a uma nova expedição Amundsen, e será comandado pelo sr. Eckner.

Opiniões insuspeitas

O escritor e jornalista sr. Rocha Martins diz à *A BATALHA* desassombradamente de sua justiça sobre deportações, arbitrariedades policiais e o mais que se lerá

Têm continuado os protestos do operariado contra as iníquas deportações e espancamentos de que têm sido vítimas não só os indivíduos acusados de delitos de crimes comuns, como ainda alguns inofensivos e honestos operários que a polícia pretende confundir com uma minoria de criminosos vulgares.

Esse protesto tem sido secundado pela imprensa liberal e honesta e por alguns homens de inteligência lúcida e desimpediada e espírito liberto do facciosismo torpe e prejudicial.

Depois hoje no nosso inquérito um homem de incontestável talento e de reconhecida probidade — Rocha Martins, o impiedoso panfletário e o elegante prosador de algumas obras de mérito. Fomos encontrar o nosso entrevistado de hoje na redacção do *A. B. C.*

Um efusivo aperto de ambas as dextas, e a entrevista, previamente acertada, começou.

— Isto de «Legião Vermelha» — começa o sr. Rocha Martins — é uma coisa que sempre tem existido, mais ou menos, com outros nomes e que estragou os ideais.

O constitucionalismo também teve legião vermelha de que faziam parte João Brandão, os Marças, etc., que tinham ligação com políticos e que eram por estes explorados. E na república existiu também a legião da «formiga branca».

— Não há dúvida — fizemos nós.

— Isto não é defender a «Legião Vermelha», mas é fazer sentir que os exemplos vindos do alto, praticados por figuras do regime que está no poder, levaram, porventura, a exacerbações e a grandes crimes.

— Mas vamos a ver quem são esses homens da «Legião Vermelha». São os produtos dum socialismo dominante que se serviu do dinamite em várias fórmulas para se instalar no poder e fazer a sua aliança com os devoristas que têm levado este povo a todas as misérias. Senão vejamos: os «legionários vermelhos» vão aos bancos pedir dinheiro mas os homens do poder com um decreto metem dentro dos bancos e das companhias indivíduos que não têm lá dinheiro.

— Ainda há pouco pretenderam introduzir no Banco de Portugal legiões da sua facção com decretos; e agora mesmo o legiãoário do poder, ministro do interior, entra, sem dinheiro algum para a companhia dos C. F. P.

— De forma...

— Que uns arriscavam-se, embora contassem com a cobardia dos plutocratas, os outros vencem através do «Diário do Governo».

— E' mais decente e menos arriscado — comentou o jornalista.

— Repito que não defendo os legionários vermelhos, mas o que para a minha consciência de intelectual não está certo é todo o arbitrio de que se serviram para deportar criaturas que não estavam implicadas nos crimes ultimamente praticados.

Após uma pausa, o vigoroso panfletário continua:

— Quando foi da comuna em França, depois dum revolução sangrenta, os federais quando venceram salpicaram de sangue as muralhas do Pere Lachaise; mas acalmada a primeira fúria, os tribunais reúnem-se em Versalhes, embora militares e em justiça sumária, para que a república, ao nascer, não fosse já a mãe do arbitrio.

— Os homens deportados para a Cayena, foram condenados em tribunal e não mandados em massa, ao capricho dos governantes. E' que esse precedente de se misturarem idealistas com homens culpados de crimes de direito comum, como sucede com alguns legionários, é um modo que amanhã pode servir de tabela para os que escrevem e pensam desassombradamente.

— E' certo — comentamos.

— A revolução francesa também mandou degradar Rochefort porque era um panfletário que os incomodava.

E mudando de assunto:

— Claro que houve criaturas que fabricaram bombas, mas a bomba é tanto a mãe do regime que até foi consagrada com o título de *artilharia civil*, quando servia para atirar à guarda municipal. E chegou-se a pensar que o artista que modulou a estátua da república que está no parlamento, lhe quiz meter na mão a bomba em vez dum espádua.

Um pequeno riso de contudente ironia sublinhou estas palavras.

— No tempo da monarquia — continuou o nosso entrevistado — homens que já têm sido presidentes do conselho, tinham um arsenal de bombas numa latuária ligada com o Liceu do Carmo, frequentado por centenas de crianças; e tudo isso foi metido para a consagração que eles vieram a ter no regime.

Outros vultos da república estavam complicados no célebre caso das bombas do Carrilho, escapando dois deles de morrer na tarde em que ali se deu a explosão. Claro está que as crianças, desse tempo habituaram-se a ver nessas explosões e nesses engenhos a voz e o corpo da justiça, e quando sentiram que todas as promessas feitas falharam, começaram a ver em cada um dos governantes um ludibriador e aplicarem as armas que eles tinham manejado contra a monarquia.

— Por consequência...

— Parece-me que falta a autoridade aos mestres que eles foram, para arremessar para a Guiné, como fardos incómodos, os possíveis e não provados discípulos.

Alguém que entra no gabinete interrompe o nosso entrevistado para uma explicação, findo o que continua:

— Não justifico a «Legião Vermelha», mas sinto-a o produto da sociedade dominante que não soube ou não quis corresponder aos ideais que tinha apregoado. E assim como na república russa o povo pretende fazer pagar a letra da revolução francesa, do mesmo modo em todos esses atentados condenáveis, se marca a garra ambiciosa dos homens da república sem autoridade para assim tratar aqueles que eu considero o produto da sua propaganda e dos seus gestos.

Pedimos depois ao sr. Rocha Martins a sua autorizada opinião sobre as arbitrariedades de que é vítima a imprensa, principalmente *A Batalha* que nestes últimos dias tem sido submetida à censura de qualquer intelectual do governo civil.

— A culpa da situação da imprensa em Portugal é dos próprios jornalistas que amassam, com toda a lama das sargetas, os homens de que fazem os ministros. De forma que eles, ao julgarem-se semi-deuses quando não passam do mais vil barro que nós os formamos, deixam escorrer sobre quem os fabrica toda a lama de que são feitos. Se a imprensa não chamasse a atenção ao primeiro advento que se lembra de clamar em São Bento uma voz bagagem além de alguma audácia e voz possante, eles não a tratariam como estão fazendo. — E o nosso entrevistado, acentua com energia: — culpa é nossa; é preciso cerrar fileiras, conhecer as intenções dos homens e o seu valor, para que eles não nos julguem criados ao seu serviço. E por que fazemos, eis a razão da censura prévia, das suspensões de jornais, das prisões de jornalistas e de tudo o resto que para aí se pratica.

CAIU O GOVERNO

Ontem na Câmara dos Deputados ao discutir-se a questão dos duodécimos, o chefe do governo fazia questão de que os duodécimos fossem aprovados.

O sr. António Maria da Silva apresentou uma proposta no sentido de que fosse apenas aprovado um duodécimo.

Posta a proposta à aprovação, foi esta votada por 52 deputados contra 24.

Durante a votação o governo abandonou a sala e quando voltou o sr. Vitorino Guimarães ao conhecer o resultado da votação, declarou que iria apresentar a demissão colectiva do gabinete ao chefe do Estado.

O golpe de Estado na Grécia

O governo militar domina o país

ATENAS, 26. — O governo militar dirigido pelo general Pangalos domina toda a Grécia, sem que haja qualquer incidente grave a lamentar.

O movimento revolucionário foi devido ao descontentamento que lavrava entre a força armada contra o ministério Michalopoulos, que manifestava a maior negligência pela reorganização das forças militares, que desde há muito se impõe como uma das maiores necessidades do estado grego.

Assim, na sua proclamação, o general Pangalos anuncia que vai dedicar-se ao estudo da reorganização do exército e da marinha.

Ofensiva marroquina

RABAT, 26. — Está aumentando a pressão do inimigo na região de Belgacem, sector, parece, escolhido por Abd-el-Krim para iniciar a sua grande ofensiva.

Protestar!

E' preciso protestar para desafiarmos de quem se ufana de ter brio e dignidade

Continuam as deportações. Continua a perseguição aos homens livres, numa afronta que os enovalha, porque nem a mentira, aparece a tentar a comédia de justificação. Não são já necessárias explicações. Já não é preciso que a literatura policial, com as suas fantásticas criações, invente facinoras, para esses finais de acto que são a entrada solene a bordo dum navio de guerra. E' o arbitrio, é a violência sem explicações, é o despotismo sem máscara, é a tirania que não tem outra intenção além do esmagamento declarado, revoltante, dos mais rudimentares princípios de liberdade.

Perseguição, só perseguição por delírio de violência, perseguição acintosa, realizada a frio, porque ela não é o resultado das arbitrariedades, dos exageros dum movimento triunfante, a semelhança da escalada do poder, pelos despotas da categoria de Rivera e Mussolini.

Se os homens do movimento de 18 de Abril, têm triunfado, certamente eles não seriam mais odiados no seu despotismo, de que a ditadura que vem exercendo, este chamado governo constitucional.

Só este pensamento, sugerido pelos actos de tirania dum governo que saiu triunfante sob um movimento que visava a proclamação dessa ditadura, me inibe de pensar que esses actos são inspirados, ordenados e impostos, pelos reacçãoários vencidos. Espantoso! Grotesco! Aviltante!

O governo que venceu um movimento que visava a proclamação dum ditadura, sobreleva os vencidos nos seus actos de despotismo em plena normalidade constitucional, abusando da passividade de um povo, aviltando a consciência dos homens livres, inspirando a factura dum grande romance policial que é uma afronta à inteligência.

Mussolini e Rivera estão denunciados, deixam de ser ditadores ante o despotismo desta tirania sem tiranos, sem um nome a assumir a responsabilidade de tão grandes atentados à dignidade dum povo.

Mussolini encobre a sua tirania com o engrandecimento do seu país. Rivera é um general que diz revoltar-se contra os abusos dos políticos. Revelam ainda decore.

E nós? O chefe do governo é um ministro sem categoria mental, que cede o lugar de inspirador da ditadura de todas as perseguições, à polícia, a quem confere todos os poderes. O direito de mentir, o direito de matar.

E suportam tudo isto os intelectuais do nosso país, sem pensarem um momento que estamos sendo governados, tiranizados, por um cabo de ordens, por um chefe de polícia. E' assim mesmo. Não há um ministro, um estadista categorizado, um militar «prestigioso», vamos, a ordenar os actos de violência... Não. E' a ditadura da polícia. E' a opressão da caserna, a mais grosseira a mais odiosa...

Onde estão os defensores do direito, os chefes do movimento que evocam o prestígio da Constituição, e outras pachocadas como a inversão de poderes, que não sentem a afronta desta sobreposição do poder executivo e legislativo, pela grosseria, pelo arbitrio político?

Por isso, considero-me vexado, mais que vexado — revoltado. Digo mais. Se a perseguição, se o despotismo, se a arbitrariedade se exercem contra os direitos do homem, eu deixo vaxatória a minha liberdade, pois que ela pode significar um criminoso silêncio, uma submissão que eternamente mancharia a minha dignidade de pensador, de homem livre.

EDUARDO FRIAS.

O MANIFESTO DA C. S. T.

A Voz Pública, de ontem, fazia as seguintes referências ao manifesto da Câmara Sindical do Trabalho:

«Produziu a maior impressão em Lisboa a carta-aberta da Câmara Sindical ao P. R. P. Há quem queira ver neste documento o princípio da atmosfera de desconfiança e incerteza que precedeu o período de desobediência. E, de facto, assim é. Não há liberdade de reunião, como ainda esta noite se provou com a prisão de grande número de operários que realizavam uma assembleia geral na associação devidamente legalizada; não há liberdade de imprensa, como o atesta sobretudo o nosso colega *A Batalha*, que quando não é apreendida é submetida à censura prévia. Por este motivo reúnem-se as reuniões nos meios políticos. Tudo isto vem tirando ainda mais a pouca vida que resta ao governo.»

As prisões no S. U. M.

Já foram quase todos os detidos postos em liberdade, Mas a arbitrariedade não deixou de cometer-se, nem os atingidos deixam de considerar-se lezados nos seus direitos

As prisões efectuadas pela polícia dos operários que se encontravam reunidos na sede do Sindicato Unico Mobiliário, só tiveram a vantagem de nivelar a craveira mental do sr. Jorge de Carvalho com Sá Cardoso. Este quando era governado, por um pressentimento doentio, próprio até da sua miopia intelectual, ordenou uma noite um cerco a vários organismos operários. Não escapou à fúria o quadro redactorial e tipográfico de *A Batalha* que no exercício da sua profissão se encontrava no edifício onde estamos instalados.

De cambalhota lá fomos todos para o quartel do Carmo, escolhendo-se, para o nosso repouso, o picadeiro. A alegação foi parva, como parvo sempre foi aquele político.

«Estavam reunidos vários operários com fins suspeitos». Vinte e quatro horas depois os arguidos foram soltos. Agora o sr. Jorge de Carvalho, com um espírito rafeiro ordenou também que os operários, que ao abrigo dum direito, estavam reunidos no seu sindicato, fossem todos presos.

Toda a gente sabia que publicamente tinham sido convocadas as reuniões da assembleia geral do Sindicato Mobiliário, da comissão administrativa da Federação de Calçado, Curos e Peles e da direcção do Sindicato dos Operários Municipais, e que estes organismos estão instalados na travessa da Agua de Flor. Só a polícia é que o ignorava. E vá de ordenar a prisão dos circunstantes. Repetiu-se o gesto do ex-ministro, com a mesma ausência de observação, com a mesma pobreza mental. Os motivos os mesmos: «Estavam ali reunidos alguns indivíduos com fins suspeitos».

A própria imprensa afecta à polícia, não soube afixar pelo mesmo diapasão. Uns jornais disseram que havia ali uma reunião de comunistas; outros que se estava protestando contra as deportações, ainda outros que vários militantes operários estavam reunidos para estudarem uma nova greve geral contra as deportações.

Os fins das reuniões já são conhecidos e pulverizam convenientemente essas patranhas.

Admitamos, porém, a hipótese de que eram verdadeiras. Qualquer dessas reuniões não estão ao abrigo da própria constituição?

A própria greve, prevista pela lei, não pode ser proclamada quando o operariado o julgue conveniente? Toda a gente conhece isto, só o sr. Jorge de Carvalho ignora. E por ignorar estas mesquinhas coisas é que foi deabalado até à Agua de Flor e prendeu 42 homens que num pleníssimo direito se encontravam reunidos.

Este gesto define bem a sua mediocridade. Prova bem a sua largueza de vistas em medidas de segurança pública.

Qualquer dia teremos o nosso homem invadindo os centros republicanos e prendendo os seus componentes porque certamente conspiram contra os seus atrólos.

Manha, cedo o nosso reporter pôz-se em campo, investigando das causas determinantes da captura daqueles operários. Por toda a parte o gesto da polícia causou a mais natural indignação. Em vários estabelecimentos foi o assunto de todas as conversações, expondo-se em termos indignados aquele atentado à liberdade de reunião.

Nos cafés comentava-se desfavoravelmente o acontecimento e a leitura do nosso jornal tornou o mais vivo interesse.

Tres horas da tarde. Com alguma dificuldade conseguimos chegar aos calabouços do governo civil e verificamos que os presos se encontravam assim distribuídos:

Calabouço 1.º — António Ferreira Júnior, Calabouço 5.º — Jaime de Oliveira e Castro, João Miranda de Oliveira, João Pereira Cotovio, Carlos Gil, Humberto R. de Oliveira, Albano José Boto, Júlio Barata, Manuel José e Joaquim Celestino.

Calabouço 6.º — Manuel Nunes, Alberto Silva, João Alves, Guilherme Mesquita, António Henrique, António Augusto Pinheiro, Joaquim Pereira da Silva, Alfredo Lopes da Costa e Luís Costa.

Calabouço 7.º — Santos Arranha, Aleixo de Oliveira, António de Almeida, José Gomes, Raul de Carvalho e Silva, Manuel dos Santos, Francisco de Carvalho, Domingos da Silva, Jorge Rodrigues, Coelho da Silva, António Silva e José Dias Lobo.

Calabouço 8.º — Jerónimo de Sousa, Joaquim Marques, Manuel Peres, Serafim de Sousa, Fernando Rodrigues, António de Sousa, José Vicente, Manuel Augusto de Oliveira, Joaquim Ribeiro, Vitor Costa, Armando dos Santos e Gaspar Nunes.

Acercamo-nos do calabouço 5.º — João Pereira Cotovio, expressão alegre, diz-nos: — Não sei porque fui preso. Ainda não

fui interrogado. Estava no Sindicato, como aliás ali estou todos os dias estudando, enquanto outros se embriagavam nas tabernas...

— E como foram presos?

— Só del pelo caso quando já estava preso: Nem me deram tempo de saber como...

— E a polícia como vos tratou?

— Regularmente. Não há razão de grande queixa. Todavia do incómodo não nos livramos...

No calabouço 6.º é Manuel Nunes quem nos atende.

— Como se deu o caso?

— Estavam para reunir em assembleia no Sindicato Mobiliário. Era a 3.ª convocação e reuníamos com qualquer número. Quando nos dispunhamos a fazer-lo uma polícia perguntou-nos:

— Quem é que manda nisso?

— Respondi-lhe que se dirigisse ao contínuo. Depois disse-me que nos considerassem presos.

Santos Arranha no 7.º mostrava-se grave: — Então essa liberdade de reunião?

— E' o que tu vês. Isto em plena Democracia. Não há dúvida que devemos muito à república.

— Já foram interrogados?

— Não. Nem sequer identificados. Mandaram-nos para aqui sem mais explicações. Agora vamos para o calabouço 8.º.

Jerónimo de Sousa, serenamente diz-nos: — Tantas vezes, em nome do Conselho Jurídico aqui vim, até que cá fiquei. E' um simples acidente da luta que já não me faz massa. Tantas injustiças me têm atingido...

La para tomar parte na reunião da comissão administrativa da Federação de que faço parte. Não tive tempo... Prenderam-me e trouxeram-me para aqui.

— E causas, ignoras?

— Absolutamente. Só sei que me prenderam. Os motivos só a polícia é que os conhece...

Retiramo-nos convencidos ainda mais da flagrante injustiça que pesava sobre aquelas quatro dezenas de operários.

As 17 horas principiou a identificação dos presos. Cerca das 18 horas principiamos os detidos a ser soltos. A's 22 horas apenas permaneciam ainda no cárcere, António de Sousa e José Vicente Callero. O primeiro é acusado de detentor dum pistola que a polícia encontrou no chão, junto a uma estante. A sua prisão é ilegal.

O segundo ficou ainda preso, por ser estrangeiro e não possuir os seus documentos em ordem. Convém frisar que este é um refugiado político espanhol, não podendo por esse motivo possuir em ordem a sua documentação. Ele mesmo o confessou à polícia.

Foi à travessa da Agua de Flor para visitar um seu parente. Em tal hora o fez, que foi parar ao governo civil. Todavia não é um elemento perigoso, como o prova o seu próprio pai. A sua permanência na cadeia é uma arbitrariedade que se não compreende. A exemplo do que sucedeu aos restantes este preso deve ser posto em liberdade quanto antes, reparando-se assim um erro, dos mais inconsequentes que a polícia cometeu.

Aqui o leitor, indiferente às lutas e questões políticas pode verificar como a polícia procede na maioria dos casos. Prende a torto e a direito, sem justificação, sem fundamento. Da sua inconsequência resultam tremendos fiscos como o que teve ontem o princípio do fim que só será completo quando forem soltos aqueles dois operários.

E' bom também não esquecer, uma vez que estamos em maré de cadastros, que todas as vítimas deste carapeta, para os célebres cadastros que a polícia de futuro arquitectar fiquem com uma prisão, que se conservará como uma mancha negra e indelevel.

A comissão administrativa do Sindicato do Pessoal do Exército, tendo conhecimento por intermédio do jornal *A Batalha*, que novos atropelos contra as liberdades públicas se cometem, prendendo um grupo de operários, que no pleno gozo de um direito, se encontravam reunidos em uma coligatividade operária.

E, interpretando o sentir da classe, que representa vem por esta forma levantar o seu mais enérgico protesto contra tais prisões, que representam mais uma arbitrariedade das autoridades de um regime, que na sua constituição política, tem consignado o direito de reunião e pensamento.

Espectáculo trágico

NEW-YORK, 26. — Durante o espectáculo no teatro Kenses, deu-se uma explosão, ficando mortas 60 pessoas.

Notas & Comentários

A polícia julga e condena

O sr. Jorge de Carvalho, adjunto do P. S. E., declarou ter recebido do comandante do Carvalho Araújo uma informação importantíssima, com a qual pretende justificar a deportação de Bernardino dos Santos. Diz essa informação que Bernardino dos Santos declarara ao imediato do navio que «nunca fabricara explosivos mas apenas os detivera». O adjunto faz desta confissão, cavalo de batalha para as deportações. Mas Bernardino dos Santos foi preso realmente há anos, por suspeita de detenção de explosivos, julgado e absolvido. Foram suas testemunhas de defesa entre outras pessoas de renome, os srs. Machado dos Santos e dr. António José de Almeida. Não nos parece, pois, lógico, admissível ou defensável que um homem que respondeu perante os tribunais, sendo absolvido, seja agora condenado pelo simples arbítrio da polícia.

Por este caso se verifica o ódio e arbitrariedade que a obedeceram as deportações. A cabala

A Tarde que, se não é, parece o órgão do xefe Xavier já vinha ontem tecendo romances que justificaria a arbitrariedade cometida contra os 42 operários que foram presos no Sindicato Unico do Mobilidade. Inventou-se que o xefe tivera conhecimento dum relatório de «elementos de acção» que foram presos todos para no governo civil se descobrir qual era o da «acção» inventada pela polícia e quais não eram. Como se vê, a intenção bem clara, bem evidente, é fazer recair as supostas culpas de supostos delitos sobre alguns que, por qualquer motivo, não tenham caído nas boas graças dos agentes de autoridade. Esta cabala infame, que se urde nas barbas complacentes dum ministro do Interior de porte duvidoso, irá até ao fim, sem que os homens desta terra se oponham ou protestem? Pode a liberdade de cada um continuar a ser mercê das torpes invenções que um xefe Xavier arranja para arranjar-se?

O delírio...

O impagável xefe Xavier teve ontem um sonho delirante. Sonhou que o bordo do vapor Figueira se encontrava Paulo da Silva, que a polícia há semanas procura e que acusa de autor do atentado ao comandante da polícia.

O Figueira está fundado em frente de Xabregas. Ontem quando naquele barco se procedia aos habituais trabalhos a tripulação foi alarmada com a importuna visita da brigada mista que procedeu a uma rigorosa busca. Paulo da Silva por mais que fosse procurado não aparecia. Pude, ele apenas foi visto num sonho. A sua sombra apenas foi observada pelo «sagaz» xefe, quando sobressaltado dormia em sua casa.

Mas o nosso Sherlock nunca se perturba. Reconheceu, afinal, mesmo dentro daquele barco, que não era Paulo da Silva a personagem do seu sonho. Ele não estava ali... Mas em compensação encontrava-se o marítimo Manuel de Oliveira Chapparo que certamente devia ser o «legionário» que no sonho aparecia ténico e ameaçador. E já de trazer-lo preso, acusado de terrorismo, a polícia, Chapparo encontra-se no governo civil, calabouço 6, esperando que um novo sonho do xefe o restitua à liberdade.

O pior é se desta vez o arguto Xavier sonha também que o preso planeava um atentado ao ex-ministro António Maria Baptista...

O que a vista não alcança...

O manifesto que a C. S. do T. distribuiu há dias, dirigido ao Partido Republicano Português, não agradou à polícia, porque encontrou nele um elemento de agitação. Embora a constituição faculte a liberdade de livre crítica, a polícia entende que a sua omnipotência é superior à própria lei. E como não concordou, vá de apreender os manifestos levando-os sob custódia para a esquadra. Com que direito? Ninguém o sabe! Mas também não é preciso. Basta que o conheça só a polícia.

Em Pedrouços, o nosso camarada Alberto Dias entregou a uns amigos um dos manifestos. O polícia que andava de giro farejou. Viu que era boa presa e tocou a apreender o manifesto. O nosso camarada protestou e pediu que o levassem preso para a esquadra, porque queria explicar ao burro o que em letra redonda vinha gravado. O polícia recalcitrante e não o quis levar preso. Em sua substituição, todo aquele conduziu sob os rigores do seu saber e da sua pistola... os manifestos para a esquadra.

Consta que vão ser enviados a P. S. E., devendo seguir, como «legionários», na primeira leva, para a Guiné...

Universidade Popular Portuguesa

Realiza-se hoje, pelas 21 horas, na secção que a Universidade Popular Portuguesa tem instalada no Sindicato dos Chauffeurs, ao Largo de São Domingos, a segunda sessão cinematográfica com o cinema portátil ultimamente adquirido por aquela instituição educativa, dedicada aos sócios do mesmo sindicato e suas famílias. O secretário geral da Universidade, dr. sr. Ferreira de Macedo, fará uma curta palestra.

Desastre mortal

Na Morgue deu ontem de manhã entrada um carroeiro cuja identidade se ignora, o qual foi colhido na Junqueira, pela carroça de que era condutor, tendo chegado ao posto da Cruz Vermelha do Calvário, já morto.

SÃO LUIZ

Esta noite representa-se a divertidíssima blquette CHIC-CHIC em que tanto se destacam Amélia Pereira, Hortense Luz e Almada, que dão relevo máximo aos seus papéis.

Um suicídio

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo seguindo depois para casa, lida da Conceição Rodrigues, de 18 anos, natural de Lisboa, residente em Benfica e que, em Sintra tentou suicidar-se.

MUTUALISMO E COOPERATIVISMO

Município de Lisboa.—Reúne amanhã pelas 14 horas a assembleia geral no Pátio do Gerales para apreciar uma reclamação; resolver sobre o pedido de demissão da direcção e deliberar a melhor forma de gerência até ao fim do corrente ano.

Barbaridade que se mantém

Violeta Magalhães há 24 dias que está presa por ser companheira dum deportado

Violeta Magalhães, essa pobre rapariga que expia nos quartos particulares do Governo Civil o «horível» crime de ser companheira de José Gomes Pereira (Avante!), há 24 dias que está presa. Acusada de princípio de organização duma associação de classe e de ter usado da palavra numa sessão, não voltou a ser interrogada pela polícia. Era tão ridícula a acusação que os próprios autores se encarregaram de a destruir, para outra surgir, mais miserável, mais abominável.

Violeta Magalhães, segundo disse a imprensa, organizara uma associação de crianças para envenenar os patrões... Mas é só a pífia e grotesca acusação. Mas é só a imprensa que o diz. Violeta ainda não foi ouvida sobre este «delito», que de não reles, se esboroa como a mentalidade dos seus progenitores.

Fomos ouvi-la ontem à prisão. Estava sorridente e fresca. Encara a prisão como um acidente da sua vida romântica, como um episódio da situação duma mulher que ama um homem odiado pela polícia. Nada a atemoriza. Nem prisão, nem Guiné.

—Conhece a acusação que lhe fazem? dizem.

—Sei apenas que sou acusada de organizar uma associação de crianças e falar às mulheres dos deportados na sede da C. G. T.

—Mas isso é crime?

—Julgo que não. Parece que já não é por isso...

Um sorriso gaioto brilhou na face de Violeta de Magalhães. Não podes, porém, conter-se e continuou:

—Segundo dizem os jornais agora é por causa mais fina, de maior responsabilidade.

—Da Associação de Crianças envenenadoras?

—Isso, isso. Eles lá descobriram uma coisa que jamais qualquer mortal inventou. Palavra, que ainda ninguém se lembrou disso...

—Já foi interrogada por este «crime»?

—Não, senhor. Apenas me fizeram aquele interrogatório, que já referi.

—Há dias é que fui chamada ao gabinete do sr. Jorge de Carvalho para depor sobre os espancamentos. Perguntou-me aquele senhor se o «Avante» algum dia foi espancado pela polícia.

—E o que lhe respondeu?

—Que sim, que foi barbaramente agredido numa esquadra. Não tive medo. Afirmei que sim.

—E o que lhe disse o sr. Jorge de Carvalho?

—Que não tinha nada com essa polícia. O que queria saber era se a P. S. E. tinha algum dia maltratado o «Avante». Respondi-lhe que conhecia apenas aquele caso.

—Mas a sua situação aqui é excepcional. Está nos quartos particulares...

Violeta não pôde conter a indignação. Aliviada e orgulhosa afirmou:

—Estou aqui mas pago do meu bolso. Não é protecção. Apesar de dizerem que o «Avante» fabricava dinheiro ele não me deixou 5 réis. Coitado, foi pouco para ele levar. De resto nunca fomos ricos...

Se estou aqui há 24 dias, devo-o a uma pessoa da minha terra que conhece meus pais e que me deu o dinheiro para eu me encontrar com decência nesta amargurada situação.

Já lá despedida:

—Pobre «Avante». Tantas objurgatórias que sobre ti lançam...

Na esquadra do Caminho Novo há um preso que carece de hospitalização!

José da Silva é um operário metalúrgico a braços com uma terrível enfermidade. Talvez por essa circunstância é que a polícia viu nele um «temível legionário» e vá de prender. A prisão consome-se há 15 dias, tendo estado incomunicável, primeiramente na esquadra do Alto de Pina e actualmente encontra-se na esquadra do Caminho Novo. O seu estado, com os rigores da prisão, tem-se agravado sensivelmente, recaindo-se a todo o momento que o infeliz sucumba.

Expectora sangue com tal abundância que causa horror aos seus companheiros de prisão. A família todos os dias lhe faz chegar às mãos a comida que do desventurado moço devolve por não poder suportar. Apesar de ser bem manifesto este estado, as autoridades, em lugar de o hospitalizarem, conservam-o ali preso. Contra este desumano acto lavramos daqui o nosso indignado protesto e exigimos que José da Silva recolha imediatamente a um hospital, já que lhe foi roubada a liberdade!

Flagrante desumanidade

Encontram-se presos no calabouço 6 do governo civil os seguintes operários: Jauress Américo Viegas, Guilherme Nunes Almeida, Manuel Esteves Capela, Sérgio Correia, José Maria da Cruz, José da Costa, Alberto Pereira, Leovigildo Augusto Ceias, Eduardo Oliveira, Sebastião Lourenço, Elio Nascimento, António José Almeida, Francisco Serrano e Francisco Silva Gomes.

Alguns dos presos, estão encarcerados há mais de 30 dias sem culpa formada. Ainda não foram interrogados, ignorando por isso os motivos da prisão. Apesar-dessa circunstância, Xavier sinistro, essa hipótese de detective que pulula no governo civil, não tem tido pejo em ejacular as mais desconchavadas bobagens sobre os presos na imprensa que o serve.

Ontem quando lá estivemos visitando alguns presos do carapetao policial da travessa da Agua de Flor, tivemos ocasião de auscultar o sofrimento desses desgraçados que expiam naquele antro as vaidades e ambições dos famosos agentes...

Mas tudo é possível nesta república de «bitorinos» e de «xabieres».

Prêso há 35 dias

No calabouço 5 do Governo Civil encontra-se há 35 dias o marinheiro reformado L. F. Félix, acusado de lançar uma bomba contra a polícia, na rua dos Bacalhãos, a quando da revolução de 18 de abril.

e segue

Encontra-se preso no governo civil, calabouço 6 o operário manipulador de pão Sebastião Lourenço que a polícia injustificadamente prendeu há dias.

Aprel! Com estes xabieres já não se pode ser padeiro...

Mais um

Foi ontem preso o operário Eduardo Cebola.

ASSISTENCIA INFANTIL

Continuam várias entidades contribuindo com importantes doativos para os banhos de mar às crianças na Cruz Quebrada e lactários municipais.

A BATALHA CAMARA MUNICIPAL DE LISBOA

Foi ontem aprovado o relatório sobre a questão das tarifas dos eléctricos

Sob a presidência do dr. sr. Costa Santos reuniu ontem à noite, em sessão extraordinária a vereação da Câmara Municipal de Lisboa.

Em ordem da noite é lido o projecto de alteração ao contracto de 7 de Julho de 1924, constante do seguinte relatório elaborado por uma comissão nomeada pela Câmara e constituída pelos srs. Mario de Abreu Reis, José António de Abreu e Emanuel Kohn:

«A vossa comissão nomeada em sessão do Senado de 26 de Maio de 1925, para entrar em entendimentos de revisão do contracto de 7 de Julho de 1924 com a Companhia Carris, tendo em vista a sugestão por esta feita à Câmara em seu ofício de 28 de Abril p. p., vem perante vós dar conta do seu mandato, submetendo à vossa sanção o seguinte projecto de alteração ao contracto, síntese do trabalho desta comissão junto daquela companhia:

Projecto de alteração

Art. 4.º Os preços da tarifa de viação eléctrica da Companhia terão que ser actualizados em função do câmbio sobre Londres, sempre que as oscilações cambiais nêles inflam, produzindo no preço de duas zonas da tarifa em vigor (2.º preço da tarifa) um aumento ou diminuição superior à menor moeda em curso que permitir a facilidade de trocos.

§ 1.º—As actualizações a que houver lugar, nos termos deste artigo, serão obtidos multiplicando os preços da tarifa-base, fixada no artigo seguinte, pelo quociente entre o câmbio médio dos últimos 3 meses e o câmbio a que a mesma tarifa-base foi estabelecida.

§ 2.º—Os preços dos bilhetes são múltiplos da menor moeda que tiver curso fácil, e para este efeito os preços da nova tarifa, obtidos pelo cálculo da actualização, serão arredondados para os múltiplos mais próximos.

§ 3.º—A tarifa actualizada nos termos deste artigo e §§ anteriores será aplicada 15 dias depois da data em que na Câmara Municipal forem entregues os cálculos de que trata o § 1.º, devendo a comissão executiva dentro deste prazo, indicar à Companhia qualquer inexactidão fundamentada que porventura encontre nos referidos cálculos, a fim de que a Companhia possa fazer-lhes as correcções a que realmente haja lugar.

§ 4.º—Quando a Câmara julgar justificável qualquer diminuição de tarifa assim notificará à Companhia a qual, dentro do prazo de 15 dias procederá nos termos dos §§ 1.º e 2.º deste artigo, ou demonstrará à Câmara que a diminuição indicada não é devida nos termos do mesmo artigo 4.º.

Art. 5.º A tarifa base a que se refere o § 1.º do art. 4.º será de 40 para uma zona, 50 para duas zonas, 70 para 3 zonas, 78 para 4 zonas e 85 para 5 zonas, para o câmbio de 80900 por libra, e será de futuro alterada para mais ou para menos por forma a atender aos aumentos ou diminuições justificadas dos encargos que foram previstos e admitidos no cálculo da referida tarifa.

§ 1.º Para serem efectuadas as alterações de que trata este artigo, seguir-se-hão os

trâmites das estipulações do art. 4.º e seguintes da escritura de 28 de Março de 1922.

§ 2.º Nenhuma diminuição será feita nos preços da tarifa-base adoptada neste contracto, antes do dia 31 de Dezembro de 1932.

Como pela simples leitura vós podeis inferir, trata-se de uma matéria contratual estruturalmente à matéria contida nos artigos de iguais números do contracto de 7 de Julho de 1924, e esclarecida aqui com vantagem não só pela redacção do corpo dos artigos como pelos parágrafos que dêles fazem parte.

O artigo 4.º da proposta determina taxativamente a variação tarifária para mais ou para menos logo que no segundo preço da tarifa (duas zonas) se der uma variação igual ou superior à menor moeda em curso no país (505 actualmente) correspondendo aproximadamente a uma variação no preço da libra ouro de 6500 como é fácil verificar e como afixa o art. 4.º do regulamento em vigor.

No § 1.º deste art.º indica-se a maneira de fazer o cálculo de actualização que se sintetiza em uma regra de três simples.

O § 2.º está por si justificado.

O art. 5.º proposto para substituir o art.º do mesmo número do actual contracto baixando para 80900 o valor da libra em relação à qual passam a ser referidas as tarifas-base, representa na verdade uma vantagem para a Companhia mas da qual advém um imediato abastecimento tarifário de 505 em cada zona, à excepção da primeira, facto que representa uma satisfação ao público e, quicá do início de um movimento retrogrado geral do qual muito beneficiariam todos a tirar.

O § 1.º deste art.º refere-se às disposições do contracto que criou a comissão arbitral.

O § 2.º estabelece o período de 6 e meio dentro do qual as tarifas-base aqui fixadas se deverão manter sem alterações com o fim de permitir à Companhia a liquidação de encargos reconhecidos, prazo este julgado indispensável para tal fim.

Faremos notar, porém, que esta fixação não implica absolutamente nada com a variação tarifária prevista no artigo 4.º, por isso que se refere unicamente às tarifas-base.

Para bem se poder avaliar das transigências a que esta Comissão levou a Companhia nos seus primitivos pontos de vista, bastará fazer o confronto das suas propostas com as que por fim foram acordadas e que atrás vos foram apresentadas.

Este projecto de alteração não é ainda o que esta Comissão desejaria como o prova a sua primitiva contra-proposta constante a folhas 4 deste processo, no entanto julgamos representar já um grande passo para essa finalidade, pois há que ter em vista que, anulando por completo a clausula restritiva de diminuição de tarifas expressa pelo § único do artigo 4.º em vigor, esse representa só por si uma garantia para o público e, portanto, uma vantagem importante sobre o actual contracto.

A comissão espera dever-vos, pois, um acolhimento favorável ao seu trabalho.

O projecto é objecto de larga discussão, sendo, por fim, aprovado por maioria, tendo votado contra, o sr. Alvaro de Almeida Cruz.

A Sociedade Protectora dos Animais

Comemora brevemente o seu 50.º aniversário

Realiza-se hoje na Sala Portugal da Sociedade de Geografia a sessão solene e concertos promovidos pela Sociedade Protectora dos Animais para início das festas comemorativas do 50.º aniversário da sua fundação.

O programa do concerto, em que toma parte a distinta amadora D. Oliva Guerra, o Orfeão Académico de Lisboa e Banda do comando geral da G. N. R., é brilhantíssimo.

Na sessão, em que preside o Presidente da República, será entregue ao orfeão o diploma de sócio benemerito da Sociedade e imposta no estandarte do mesmo, a fita, oferecida pela mesma Sociedade.

Os sócios da Sociedade de Geografia podem fazer-se acompanhar de duas senhoras de suas famílias e as da Sociedade Protectora dos Animais, sem entrada, mediante a apresentação do seu cartão de identidade e o recibo da última cota.

Sociedades de recreio

Comando de Artilharia.—Reúne hoje, em primeira convocação, a assembleia geral para apreciar um assunto apresentado pelo conselho fiscal.

Grémio Beirão.—Realiza-se hoje a festa de homenagem ao antigo cultivador da trova popular Armando Barata, incluindo o programa variações à guitarra e canções pelos melhores cultivadores, entre eles Júlio Proença, Alberto Costa e Raúl Brinquel acompanhados por próximos guitarristas e violas.

A campanha anti-britânica

LONDRES, 26.—O Daily Telegraph escreve que a propaganda anti-britânica criada por Moscova, está fazendo-se sentir na Pérsia e no Afeganistão, o que impõe o regresso imediato a Londres do ministro da Gran-Bretanha junto do governo dos soviéticos e a saída de Londres do representante destes.

Para a miséria

Procurou-nos uma comissão do pessoal metalúrgico que trabalhava na reparação do vapor Amaranth, pertencente à Companhia União Fabril, e que fora despedido. Desconhecem a causa deste despedimento que não tem uma única razão que o justifique.

TEATRO NOVO

O núcleo de artistas que constituem o elenco deste teatro representa hoje o interessante peça «Uma verdade para cada um», cujo êxito é absoluto, pela peça e pela admirável interpretação.

AGRESSÃO

No Banco do Hospital de São José, recebeu curativo e recolheu à casa, Consuela Maria Baptista de 21 anos, residente na rua da Senhora da Glória, 47, 1.º, que foi agredida, ficando contusa pelo corpo.

DESPORTOS

O 2.º Congresso de Educação Física

Inaugura amanhã os seus trabalhos

O 2.º Congresso Nacional de Educação Física, organizado pelo Ginmástico Club Português, inaugurou os seus trabalhos, numa das salas daquela agremiação. A sessão inaugural será presidida pelo dr. sr. Henrique Vilhena, lente da Faculdade de Medicina e reitor da Universidade de Coimbra.

As sessões realizam-se todas no Ginmástico Club Português, sendo a primeira na segunda-feira, às 21 horas. Nela serão apreciadas as teses da 1.ª secção—Educação física e higiene escolar—das quais fazem parte, a comunicação sobre higiene escolar, pelo médico dr. sr. Fernando Cunha; tese do tenente sr. Henrique Oalrão, sobre bases de uma organização de educação física; a tese do dr. sr. Benito Castel-Branco, sobre as leis da biologia; o trabalho do dr. sr. João Camões, sobre o âmbito da educação física.

As conclusões das teses a discutir já estão impressas e são entregues na secretaria do congresso.

Os grandes desfechos de futebol de amanhã no Campo de Párvia

Foi aceite com agrado a notícia da organização dos desfechos de futebol nacional, não só pelo interesse que eles despertam mas ainda pelos motivos que levaram o Comité Olímpico Português a desligar-se dos compromissos que havia tomado com a Bélgica.

Os clubes de futebol vão, com prazer, colaborar nos desafios das provas dos jogos. Provas em que são representados todos os desportos, mal parecia que o desporto mais popular, o futebol, não se fizesse representar. Felizmente a representação do jogo que tem tanto agrado público far-se-á brilhantemente.

Na verdade, os encontros de amanhã, em Párvia, são dignos de grande interesse.

Às 16 horas o Casa Pia encontrará o Imperio, os quais compuzeram as suas linhas com os melhores jogadores, ambos desejosos de darem no fim da época uma verdadeira prova do seu valor.

Depois deste desafio, que só por si chamaria a Párvia o público dos grandes dias, haverá ainda outro que, pelos antecedentes, tem um interesse muito especial.

Trata-se do encontro do simpático Club de Setúbal com o vencedor da 2.ª divisão, o Caracalinos, que conquistou o seu lugar na 1.ª divisão. Este encontro tem um particular interesse, porque o último embate entre os dois clubes teve um resultado que, na opinião dos entendidos, de modo nenhum traduz a diferença exacta entre os dois «teams».

O Vitória deseja provar que não só vale tanto como o Caracalinos, mas que é capaz até de o pôr em cheque.

O Caracalinos, por seu lado, não recusa o encontro e está certo de poder repetir a sua bela proeza. A sua linha vai completíssima para Párvia, formado pelos seguintes jogadores: Serafim Correia, N. N., Armindo de Oliveira, Daniel Vicente, Filipe Duarte, Carlos Domingues, Manuel Abrantes, Alfredo Rodrigues, Carlos Canuto, José Domingos e Manuel Rodrigues.

HIPISMO

As provas do «Jockey-Club» iniciam-se hoje

Realiza-se hoje a primeira das corridas de cavalos, no hipódromo do Campo Grande, promovidas pelo Jockey Club.

As corridas começam às 17 horas, disputando-se as seguintes provas: «Marquês de Marialva», «Almeida», «Sociedade Hipica», «Ministério da Guerra», e «Mafra».

A segunda corrida será disputada no dia 5 de Junho.

A cura das doenças pelas Plantas

3.ª edição—Preço 500, pelo correio 550

Dezidos o administração de N. B. B. B.

Um incêndio

Durante o qual se fez sentir a falta de água

Pelas 20, e meia horas, declarou-se incêndio com intensidade no sotão do 1.º andar, na rua Silva Carvalho, 201, residência do sr. Francisco Manuel Ferreira Martins.

O fogo foi causado por fúria dum ferro de engomar, que se comunicou a roupas e passou ao madeiramento da propriedade, que pertence a Rafael Nunes da Silva Morgado.

Prontamente compareceu material e pessoal do Corpo Municipal de Salvação Pública e voluntário, mas a falta de água mais uma vez se fez sentir, tendo no entanto o incêndio sido dominado com uma agulheta dum auto-bomba-tanque, e depois da água ter uma outra de boca de incêndio.

Os trabalhos de extinção do incêndio foram dirigidos pelo 1.º comandante interno, capitão Rodrigues Alves, auxiliado pelos ajudantes, Ribeiro e Marcelino.

Os prejuízos são de pouca importância. O serviço de polícia foi feito por uma força de infantaria da G. N. R.—4.ª companhia—sob as ordens dum tenente e polícia civil.

Proprietários e inquilinos tinham os seus haveres seguros em diversas companhias.

CONFERÊNCIAS

«O espírito reaccionário»

Realiza-se hoje, pelas 21 e meia horas, na sede da Associação do Registo Civil, Largo do Intendente, 45, 1.º, sob a presidência do venerando democrata dr. sr. Magalhães de Lima, uma conferência sobre o tema «Motivos do incremento actual no espírito reaccionário», desenvolvida pelo ilustre advogado e professor da Faculdade de Letras, dr. sr. Albino Vieira da Rocha. A entrada é pública.

TIVOLI

TEL. N. 374

As 8 314

Penúltima exibição de

Sombras que passam

Celebre criação de Ivan Moujoushine Este filme, dos mais interessantes que se têm exibido no TIVOLI, vai do drama à comédia através dos meios os mais diversos. A sua interpretação notabilíssima reúne uma realização engenhosa e pitoresca cheia de detalhes moderníssimos.

Duas em comédias—uma dramática NA PROXIMA SEMANA

Esposas levianas

O fim que custou um milhão de dólares

Amãhã—MATINÉE às 3 horas

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

No Teatro Novo

A 2.ª récita com a peça de Pirandello «Uma verdade para cada um» tradução de Tereza Leitão de Barros

O Teatro Novo, com a sua cantante decoração, com o belo esforço dos seus dirigentes, com a criteriosa escolha dos seus artistas, abriu de novo o seu rideau para a peça de Pirandello que Tereza Leitão de Barros, traduziu com o título «Uma verdade para cada um». O grande dramaturgo italiano tem nesta criação teatral uma das suas obras mais formidáveis. Em dois dias o público de Lisboa que sabe o que é cultura moderna teve ocasião de ouvir e ver representadas duas peças de Pirandello, aparentemente análogas, mas estruturalmente diversas.

Numa maneira de ser de cada um absove a atenção do comediógrafo; a instabilidade da opinião, a mutação do sentir, a estranha diversificação dos modos de achar compõem e são a razão de ser da peça que Mimi Aguilera interpretou. Noutra a do Teatro Novo, não se reduz a observação ao simples registo de opinião isolada, vai mais longe e ataca o domínio da verdade, aborda a «conformação» variada e indecisa da consciência, determina o indeterminado, precisa o impreciso.

E a verdade de cada um que não é a verdade de ninguém; é a presunção de todos, cambaleante ao sóro momentâneo de um só, falível ao contacto do raciocínio mais contraditório. E a peça começa, e a peça prossegue, e a peça termina e ninguém está de posse da verdade. As figuras humanas, miseráveis benços que as circunstâncias põem em movimento, estão a cumprir a sua missão fatal de agentes da ocasião, de simples manequins que os factos abalam, que os sentimentos transfiguram, que as ideias sacodem. O Teatro Novo, confessemos, já agora mais novo do que no «Knock» e quem tiver feito reparos à iniciativa tem que modificar a sua atitude, se quiser ser sincero.

O bom desempenho contribuiu incontestavelmente para o brilho da peça. Todos muito bem. Gil Ferreira, actor de largos recursos, deu agora provas das suas aptidões de ensaiador; Luz Veloso dando a nota torturada da sogra infeliz, que não sabemos se está doída; Alberto Miranda, consciencioso, bela expressão no olhar, que não sabemos se exprimirá a loucura.

Aurelio Ribeiro, com boas atitudes de pessoa curiosa, a jovem Maria Cristina, ingenua, à vontade em scena; Carlos de Oliveira; sóbrio como sempre; Carlos de Abreu, Delmírio Rêgo, António Mendes, Regina Montenegro, Amélia Traiano e os outros artistas conscienciosos.

Corrente e simples a tradução de Tereza Leitão de Barros. Interessante o cenário dos dois últimos actos.

A finalizar o espectáculo D. Margarida Lopes de Almeida recitou versos brasileiros, ouvindo aplausos.

NOGUEIRA DE BRITO

Notícias

E' o seguinte o elenco da companhia que, sob a direcção de José Ricardo, se estreia no Nacional, no dia 3, com a engraçada comédia «Tio da minha alma»:

Jose Ricardo, Rafael Marques, Joaquim de Oliveira, Aurelio Ribeiro, Carlos de Sousa, Octávio Branco, José Climaco,

MARCO POSTAL

Portimão. — A. C. C. — Não recebemos carta a que se refere.
Pôrto. — Juvenal. C. C. — Queira ir buscar a estampa que lhe falta à redacção da Comuna.

Agenda de ABATALHA

CALENDARIO DE JUNHO				
Q.	4	11	18	25
S.	5	12	19	26
S.	6	13	20	27
D.	7	14	21	28
L.	8	15	22	29
T.	9	16	23	30
Q.	10	17	24	—

MARES DE HOJE
Praiamar às 6,37 e às 6,59
Baixamar às 2,07 e às 2,28

ESPECTÁCULOS

TEATROS

Est. Lus. — A. 21. — «Chic-Chic». Variedades por Amélia de Isaura.
Lusit. — A. 21. — «O mundo é assim». «Os autos dos meus dias».
Teatro Novo. — A. 21. — «A Rosa Enfeitada».
Teatro Novo. — A. 21. — «Uma verdade para cada alma».
Econ. — A. 21. — «A cidade onde a gente se aborrece».

Maria Vitória. — A. 20.30 e 22.15. — «Rataplan».
Júlia. — A. 21.30. — «Lamas» e «A Cidade».
Cine Lus. — A. 21.15. — «Combates de box» e «Mach de fôva».

Politeama e Olympia. — A. 21.30 e 23.30. — (Animatografias) — «Kano».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Teatro. — A. 21.30. — «Animatografias».

Serviço de livreria de A BATALHA

FOLHETOS

Eliseu Reclus — Anarquia e a igreja
Gonçalves Correia — A Felicidade de todos os seres na Sociedade Futura.
José Prat — A burguezia e o proletariado.
Content — Contra o confusãoismo.
Alfredo Neves Dias — Razão (poema social).
Landauer — Social Democracia.
R. Mela — O princípio do fim.
A. Macanaria — O proletariado.
J. Most — Peste religiosa.
J. R.
Travassos da Silva —
Definições sociais.
Contos dum revoltado.
Roberto o Pescador.
Carnet de Pensamento.
J. Bakunine — No sentido em que somos anarquistas.
Chueca — Como não ser anarquista.
B. Lazare — A Liberdade.
J. Kropotkin — A minha defesa.
Kropotkin.
A sociedade.
Os bastiões da guerra.
Moral anarquista.
J. Guedes — Lei dos Salários.
Briand — A greve geral.
Roland — Rússia Nova.
D. Carvalho — A gestão sindical no período revolucionário.
A. Hamon — A crise do socialismo.
J. Santos — A transformação da sociedade.
Neno Vasco.
Georgistas.
Greve de inquilinos, teatro.
Domela — Patria e Humanidade.
Proletariado Histórico.

REVISTAS

Escola Nova, da Ass. dos Professores de Portugal. 100
La Revista Blanca em espanhol. 150
Renovação, vários soltos. 150
EM ESPANHOL
Rodolfo Rocher.
Artistas e Rebeldes. 1300
Bolshevismo e anarquismo. 1300
La Crise del anarquismo. 1300
José Torralvo — La Revolucion. 1300
Lelio O. Zeno — Problemas universitários. 2500
La Revista Blanca — Arte, Ciência e Literatura. Cada número. 2500

Serviço de livreria de A BATALHA

Livros em Esperanto

Romance original de Méliade, tradução de Sam. Meyer. 1 volume de 56 páginas. 6500
Tradução do original polaco de Nierojewski por B. Kahl, com um prefácio de Antoni Grabowski. 1 volume. 5500
Selo de propaganda esperanta.
Muito artísticos, a oito cores e oito motivos, os nossos principais monumentos, nitidamente impressos. Cada coleção de oito Colares em album com o retrato de Zamenhof com legenda em português e esperanto. 550
Solo de Flute.
Monólogo de Paul Bithaud, tradução de Fernando Doré. 1 volume de 12 páginas. 1875
Stranga Heredado.
Mais um original de Luyken, o feliz autor do Mirinda Amo. Romance interessante, aconselhado pela crítica. 1 volume. 17500
Vade Mecum de Internacia Farmacio.
Por C. Rousseau, 1 volume de 288 páginas. 30500
Vintaj Fabeloj.
De diversos autores, recomendado pela Esperanta Literatura Asocio La Vangfrapo.
Comédia em 1 acto por Abraham Dreyfus, tradução de S. Sar, 1 volume de 52 páginas. 4500
Vivo de Zamenhof.
A vida do autor da lingua, com excelentes gravuras, edição de luxo. 1 volume de 109 páginas. 26550
Viagem Interior de Mia Cambró.
Romance de Maistre, traduzido por S. Meyer. 1 volume. 4500
Vortaro Kabe.
Espanhola dicionário, só em Esperanto, mas compreensivo e remediando a falta do dicionário esperanto-português. Aconselha-se a sua aquisição. Este dicionário, com a Krestomatio, curso elementar e Bildo-buloj, faz parte da primeira bagagem do principiante. 1 volume encadernado. 12500

Pedras para isqueiros

METAL AUER, as melhores do mundo. Um milhão, 25000. Por quilos, grandes descontos. Isqueiros AUSTRIA e PORTUGAL, tubo largo, boa qualidade, d'água 2500. Tubos fechados e abertos, lampões, bicos, moias, rodas, peças e missões. Pedidos ao único representante em Portugal: E. ESPINOSA, FILHO, Rua Andrade, 46, 2.ª — LISBOA.

CLINICA DO CHIADO

RUA GARRETT, 74, 1.ª
TELEFONE C. 4186

Doenças venéreas

Para as classes pobres. Das 12 às 14 h.

Biblioteca de Instrução Profissional

Construção Civil

Considerações gerais. Pedras de construção, aviamentos, cal, areias, pozolanas, gessos e produtos cerâmicos, madeiras para construções, ferro, metais e substâncias diversas, etc., por JOÃO EMILIN DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 440 páginas, encadernado em percalina. 20500
Terraplenagens e aterros.
Estudo sobre terraplenagens, isto é, sobre os movimentos da terra, escavações, aterros, transporte, preços. Reconhecimentos de terreno por meio de pesquisas e sondagens, diversos sistemas de fundações, drenagens. Descrição geral dos andaimes e esquadramentos empregados nas construções. Elementos orçamentais, por JOÃO EMILIN DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 230 páginas, encadernado em percalina. 13500
Trabalhos de Carpintaria Civil.
Descrição de ferramentas. Estudo de samblas, máquinas, aplicação das madeiras nas construções civis, vigamento de sobrados, madeiramento dos telhados, cálculos, construções de madeira, portas, janelas, escadas, lambrais, etc., por JOÃO EMILIN DOS SANTOS SEGURADO.
1 volume de 385 páginas, encadernado em percalina. 16500

LER E ASSINAR.

Os Mistérios do Povo

irritação reprimida que um dos arautos de armas gritou por três vezes, adiantando-se para o meio do campo cerrado, as palavras consagradas.
Venha o apelante!
O cavaleiro Gerardo de Chaumontel, que apelava para a prova do duelo judiciário contra a acusação de roubo sustentada por Mazurek, sai de uma das tendas próximas e entra a cavalo na liza armada de ponto em branco; pende-lhe ao pescoço o escudo, vem de viseira levantada; traz na mão uma pequena imagem de São Tiago, pela qual este bom católico professa uma devoção particular; os seus dois padrinhos, a cavalo como ele, cavalgam aos lados. Dão volta, como o cavaleiro, à roda das barreiras, em quanto a formosa Glorianda diz a seu pai em tom desdenhoso:
— Que vergonha para a nobreza ver um cavaleiro reduzido, a fim de provar a sua inocência, a combater um vil labrego
— Ah! minha filha, em que tempos vivemos nós! replicou o velho fidalgo resmungando, estes damnados legistas reais agarram-se a todos os nossos direitos, debaixo do pretexto de os legalizar. Não foi acaso necessário uma sentença do tribunal de Beauvoise para autorizar o nosso amigo Conrado a usar do seu direito senhorial sobre essa miserável canalha sublevada que... Mas lembrando-se de que sua filha era noiva do senhor de Nointel, o conde de Chivry parou, Glorianda adivinhou a causa da reticência de seu pai e disse-lhe com uma alvineira quasi cólera
— Julga-me de semelhante espécie? uma serva!
— Não, não, eu não te faço essa injúria, minha filha... mas, finalmente, a rebelião da vassalla contra seu senhor é coisa tão nova como monstruosa. Ah! tenho o dito muitas vezes: o espírito de revolta daquelas pestes de comunas populares, posto que em parte destruídas hoje em proveito dos reis, propagou-se até aos nossos domínios e infectou os nossos aldeões, e eis que, ainda em cima, a realidade se intromete nos nossos direitos pretendendo que eles devem ser sancionados pelos juriconsultos.

— Mas, meu pai, nós ficamos com esses direitos.
— Com a breca! minha filha. Os nossos privilegiados precisarão por ventura ser confirmados pelas becas? Não herdou a nossa raça os seus direitos senhoriais da espada conquistadora de nossos antepassados? Não, não, a realidade quer tudo para si e sugar a sósinha o povo até à medula dos ossos.
— Os reis; disse outro cavaleiro, não nos roubaram acaso um dos nossos melhores privilégios, a fabricação das moedas nos nossos senhorios, sob pretexto que somos falsos moedeiros?
— Sufa! isso faz ferver o sangue nas veias, exclamou o conde de Chivry; haverá no mundo nada pior do que a moeda real? Confessem, senhores, que já se têm esarteado moedeiros falsos menos ladrões do que o nosso rei João e seus avós.
— Por isso, replicou outro cavaleiro, bom princípio escusa de contar connosco. A tréguia com os ingleses expira em breve; se a guerra tornar a começar, o rei João não verá de decerto nem um dos meus homens nem o mais pequeno dos meus escudos.
— Ah! senhores, disse Glorianda abafando um bocejo, quanto a sua conversação é pesada. Falemos antes do tribunal de amor que bem depressa deve tomar conta de pleitos amorosos em Clermont; mandarei vir para essa galante solenidade as mais habéis floristas de Paris e espero um lombardo que deve trazer-me magníficos estofos orientais.
— E todas essas bonitas coisas, com que as devo eu pagar? exclamou o conde de Chivry encolhendo os ombros. Sim, com que hei de dar brilhantes torneios, convidar para sumptuosos tribunais de amor, se, duma parte, o rei nos arruina e se da outra Jacques Bonhomme se recusa a trabalhar para nós?
— Ah! ah! ah! querido pai, disse a formosa Glorianda pondo-se a rir, Jacques Bonhomme recusar-se a trabalhar! quem? ele? mas ao primeiro estalo de chicote de um dos seus moiteiros, verá que os tais labregos se deitam de bruços. E olhe, acrescentou a donzela redobrando as gargalhadas, aí tem o terrível

Esmaltes belgas "Le Tigre"

Secam numa hora. São os mais baratos! E têm nas boas lojas de Esmaltes, depositos por atacado: Sociedade de Produtos Químicos, Limitada — Camão das Cebolas, 43, 1.ª — LISBOA.

Valério, Lopes & Ferreira, L.ª

FERRAGENS E FERRAMENTAS

Metais, cutelarias, talheres, louça esmaltada, parafeitos, ferramentas para móveis —
Chapa ferro preta e zincada
Chapa de zinco, latão e cobre, antimônio, balanças, pesos e medidas, cravo para ferrador, serras circulares e de fita, etc.

44, R. DO IMPRMO. 86-LISBOA — TELEFONE 3930, R. GRAMAS, FERRAGENS

FATOS COMPLETOS E SOBRETUDOS

em boas fazendas de lã 159\$00
IMPREMISSÍVEIS INGLESES com zinto e rapuz, desde 169\$00

CAPAS ALENTEJANAS desde 199\$00

CALÇAS desde 40\$00

ABATIMENTOS PARA REVENDA

O CHAVES DO CONDE BARÃO

170, Rua da Boavista, 172

SABONETES JACOBUS

Os mais finos e perfumados preparados por todas as senhoras «chicas». Vendem-se nas boas droguarias e perfumarias. Depósito por atacado: SOCIEDADE DE PRODUTOS QUÍMICOS, LIMITADA CAMPO DAS CEBOLAS, 43, 1.ª — LISBOA

MATERIAL ELÉCTRICO

PARA RAIOS, MONTAGENS E REPARAÇÕES, FORÇA MOTRIZ, TELEFONES E CAMPAINHAS

TELEFONE C. 5420

LOPES & VALÉRIO, L.ª

(ELECTRICITY)

ABAT-JOURS EM ARAME

Rua Nova do Almada, 16 LISBOA

IMPOTÊNCIA

Comprimidos de cloridrato de yohimbina quimicamente pura do dr. R. Wolff — Berlin

Medicamento precioso, sempre que seja necessário tonificar o aparelho genital. Não tem succedâneo. Os seus efeitos são garantidos, não tendo os inconvenientes de famíliarissimas substâncias indicadas com o mesmo fim, visto que não se acumulam no organismo e não produzem efeitos secundários nos rins.

Resultados garantidos para ambos os sexos. Numerosas confirmações individuais o atestam, assim como atestados médicos. Não confundir este produto com outros similares.

Envie-se o cupão — Preço: 17500 pelo correio, 18500. R. remita no Agente e Depositário geral para Portugal e Colónias.

Fernando da Silva

188, Rua da Madalena, 190 e nas seguintes farmácias:

A. VENDA SO NESTAS CASAS: EM LISBOA: A. MARINHO, LIMIT.ª, R. Eugénio dos Santos, 86 a 90 — Farmácia PORTUGAL, Lda. — Rua Augusta, 218. NO Pôrto: Farmácia Central de SALGADO LENCART, R. 5.ª de Janeiro, 203

Anilinas Jacobus

As melhores para tingir em casa toda a qualidade — de tecidos —

Córes garantidas — Vendem-se em toda a parte

AOS OPERÁRIOS E AO PÚBLICO EM GERAL

Consultar os preços da Nacional Económica, Limitada, em Rua de São Pedro de Alcântara, n.º 77, que vende todos os géneros de mercadoria aos preços dos armazémistas, mais barato que em qualquer parte.

Especialidade em bacalhau, feijão, arroz, café, batatas, etc., etc.

FAZEI EXPERIÊNCIA

"ASFALTO"

O melhor para evitar a humidade das paredes e muito especial para telheiros.

JOSÉ AUGUSTO ALVES

16, R. VITORINO DAMAZIO, 18

LEILÃO DE PENHORES

R. A. M. Alegrete, 30

Recebe juros só até 30.

Sais DERMOMA

Curam todas as dores e males dos pés

INCHACÃO, QUEIMADURAS, DUREZAS, BOLHAS D'ÁGUA, TRANSPIRAÇÃO, COMICHÃO

O MELHOR CONTRA A TRANSPIRAÇÃO

A venda em todas as farmácias e droguarias. Depósitos: Málio Brandão, Rua Eugénio dos Santos, 90 — Lisboa.

N. B. — Existem os verdadeiros Sais Dermo-ma e creiam-se as imitações que não têm nenhum valor curativo. Laboratório J. Hantz, 62, Rue de Gambetta — Paris

Caminhos de Ferro Portugueses

Divisão do Material e Tracção

Concurso para a venda de serradura

A Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses aceita até ao dia 29 do corrente, propostas para a compra de serradura produzida nas suas oficinas.

As condições deste concurso estão patentes na Repartição dos Armazéns da Divisão de Material e Tracção todos os dias úteis das 10 às 13 e das 15 às 17 horas.

Lisboa, 18 de Junho de 1925. — O Director Geral da Companhia, (a) G. de Melo.

A PRESTAÇÕES

Fatos e Sobretudos no rigor da moda — RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 85, 2.ª

Pedras para isqueiros

os quilos, nos milheiros e aos centos. Tubos, rodas, peças, fundos e moias de aço, tudo que é preciso para fazer isqueiros. Venda em grandes quantidades nos melhores preços para revenda.

A melhor pedra para isqueiros (Qualidade garantida) DÚZIA \$50

Pedidos a CARLOS A. SANTOS Rua do Arsenal, n.º 83 — Lisboa

Ourivesaria e Joalheria

Santos Catita, Lda.

R. da Boavista, 22 — R. Eugénio dos Santos, 44

Grande sortido em objectos de ouro e prata para brinços

JOIAS E PEDRAS FINAS

Relógios dos melhores marcos de ouro, prata e aço

Compra por alto preço: ouro, prata, moedas e joias

CONSELHO TÉCNICO

DA CONSTRUÇÃO CIVIL

Encarrega-se da execução de todos os trabalhos que digam respeito à sua industria, tais como: edificações, reparações, limpeza, construção de fornos



O II Congresso da Associação Internacional dos Trabalhadores

Relato circunstanciado das sessões celebradas em Amsterdão

Quarta sessão, em 25 de março

Antes de entrar na ordem do dia a camarada Rousseau entrega a Rudolf Rocker em nome da N. S. V. um grande ramo de flores, como lembrança do seu 52.º aniversário os delegados saudam-no.

Kater participa que a sessão da tarde se suspenderá para que as comissões possam trabalhar. Na sexta-feira à noite uma parte dos delegados terá que deixar a Holanda e portanto é necessário activar os trabalhos.

Continua-se na discussão sobre a solidariedade internacional.

Roker faz uso da palavra. Julga ser seu dever servir de intermediário entre os europeus do norte, habituados às cotizações regulares e os latinos que agem mais impulsivamente.

Naturalmente é necessário reunir fundos para a propaganda e ninguém afirmou que os sul-americanos não tenham cumprido o seu dever. Devemos procurar compreender o ponto de vista dos argentinos, e por sua vez estes também devem compreender o nosso.

Segundo Diaz será difícil tomar conhecimento em pouco tempo das condições da Europa, mas Santillan, que há muitos anos nela vive, deve-a conhecer.

Quanto ao resto, também em Argentina se modificaram certas concepções dentro do nosso movimento. Recordo o tempo em que os jornais revolucionários não custavam e quando, nas publicações anarquistas, em lugar de se fixar um preço se lia: «De cada um segundo as suas forças».

Um irlandês chamado Greaghe, fundou a *Protesta* e exigiu um preço fixo por jornal. Citou-se dizendo que era um princípio de centralismo e que essa exigência contradizia com os princípios anarquistas.

Mas no dia de hoje ninguém se lembra de qualificar-se semelhante acto de anti-anarquista. Chegaram-se a certa altura a um dia em que não se verá com maus olhos a criação dum fundo internacional de solidariedade. Temos por missão de difundir os princípios da A. I. T. e de começar com as acções práticas.

Reconhecemos completamente o trabalho dos nossos camaradas argentinos e eles não negam o nosso. A A. I. T. deve fazer-se representar em congressos nacionais e o próprio Santillan me dizia que era conveniente que eu fosse ao congresso da C. G. T. de Portugal. Para isso necessita-se de dinheiro. A A. I. T. preparou o terreno para a I. S. V. e isso tem uma importância histórica, este facto pôde-se fazer só com a ajuda material e activa de nossos camaradas. Não se trata de dizer agora quanto se deve dar, mas os camaradas em precárias circunstâncias devem poder contar com os socorros dos seus. A primeira Internacional deve bastante a esse socorro prestado em momentos oportunos. Cita os exemplos da Bélgica e da Inglaterra. Certamente, nesse tempo não se tratava de grandes somas, mas o seu efeito moral no proletariado de aquele tempo não é para desprezar. Aconselha Santillan a não se apaixonar tanto e lembra que todos devemos trabalhar para a obra comum.

Carbó, Espanha, faz uma breve observação. Nada teria dito se os ataques das camaradas da F. O. R. A. se tivessem limitado à imprensa. Mas como Santillan falou do assunto no congresso deve defender-se em nome da C. N. T. Em Espanha há-se de opinião que as armas são necessárias para a luta e se Santillan não o compreende o que se poderá fazer? Os artigos de Pestana que provocaram a tensão de relações, são uma opinião pessoal que o órgão da regional catalã dos comunistas publicou e não o órgão oficial da C. N. T. Esta não consentiu na hegemonia dos comunistas, liquidou os aspirantes à ditadura. Os amsterdânicos e os social-democratas não representam força alguma. Dos próprios camaradas, numerosos estão em prisão. Pede a Santillan que diga exactamente quando abandonou a C. N. T. os seus princípios anarquistas.

Schapiro faz uso da palavra para concluir. Julga ter notado nos delegados sul-americanos uma contradição. Santillan qualifica as suas proposições não como um ataque ao ideal, mas como uma «utopia». Diz, pelo contrário fala de um compromisso com o ideal. Pois bem, as «utopias» realizam-se assim o demonstra o progresso técnico dos últimos anos. Que o dinheiro pode salvar-nos, nunca o afirmou, mas sim disse que com o dinheiro se pode prestar uma boa ajuda aos camaradas que lutam e aos perseguidos.

Diz depois que a existência de um fundo de solidariedade poderia ser utilizada para a solidariedade mal entendida. É verdade que pode suceder, por diversas circunstâncias, que se aproveitem dela elementos indignos de solidariedade mas isso não na Argentina poderia ser evitado.

Quando é necessária uma ajuda urgente, seria necessário dirigir-se às organizações aderentes e isso levaria muito tempo. Em compensação se se contasse com contribuições regulares, o trabalho marcharia melhor. Contra Santillan diz que em nenhum caso se pode comparar a situação do México com a da Rússia. Se os anarcosindicalistas na Rússia tivessem tido uma organização como a do México, teriam feito mais.

A discussão dá-se por finda e passa-se a votar se os delegados estão de acordo em princípio ou não com a resolução de Schapiro.

Votam a favor a Alemanha, Holanda, Suécia, Noruega, Espanha e Portugal. Contra Argentina, México, Uruguai. Abstenções Itália, Brasil e Dinamarca.

Total: 6 votos a favor contra 3 e 3 abstenções.

sobre conflitos da Argentina. A C. N. T. não conserva nenhum ressentimento contra a F. O. R. A., mas vê-se obrigado a retirar-se voluntariamente dessa comissão.

Chega-se ao ponto 8.º da ordem do dia sobre a A. I. T. e as federações internacionais de indústria. Relator: Rousseau, Holanda.

Assinala as diversas operações do capitalismo, que impossibilitam o proletariado de o combater em toda a linha. Quando por exemplo se declaram em greve os operários dos arsenais holandeses, o capitalismo constrói os seus barcos na Alemanha. O mesmo sucede com outras indústrias. Por isso é necessário associar internacionalmente as federações de indústria.

O orador propõe que se nomeie uma comissão que se ocupe do assunto e fez várias propostas nesse sentido. Deveriam formar-se comissões ou comités internacionais, a fim de que o proletariado dos diferentes países pouco informado das lutas dirigidas pelos seus irmãos de classe do outro lado das fronteiras, o que permitiria tomar medidas oportunas.

Schapiro deseja uma ampliação do problema. A questão é suficientemente importante para que a A. I. T. se ocupe dela. Mas neste Congresso apenas há tempo para a discutir. No entanto, a comissão de redacção poderia ocupar-se de elaborar uma resolução e apresentá-la ao Congresso.

Souchy participa que o secretariado se ocupou igualmente dessa questão.

Tomou nota da convocação de conferências internacionais de indústria e dirigiu-se com esse fim à Federação da Construção Civil da C. G. T. portuguesa, à Federação da Construção de França, propondo a convocação de uma conferência internacional de operários da construção, juntamente com a federação do ramo da F. A. U. D. e do N. S. V. de Holanda que teriam podido efectuar-se com este congresso.

Os camaradas da construção portuguesa foram de opinião que não havia tempo para fazer preparativos e propuseram que o caso fosse adiado para o verão e por isso o secretariado se viu obrigado a postergar a conferência. O problema das internacionais de indústria e de ofício é de uma grande importância para todos. Precisamente nelas, está o campo de acção prática da A. I. T. O problema do salário unitário não deve ser uma questão nacional, mas sim internacional. Hoje as coisas estão de tal modo que os mineiros da Alemanha trabalham por um salário muito mais baixo que os mineiros da Inglaterra. No tempo da inflação, o proletariado alemão fez-se em todas as indústrias o opressor dos salários com respeito aos trabalhadores de todos os outros países. Portanto a missão das federações internacionais de indústria seria exigir salários unitários, primeiro para os operários de uma indústria, como por exemplo, os mineiros, mas depois para o de todas as outras indústrias. Naturalmente deve exigir-se salários reais e não nominais. Os mineiros fizeram esse pedido praticamente. Os mineiros devem seguir o exemplo dos marítimos e assim sucessivamente.

Não é de menos, a «entente» internacional dos operários da construção e dos camponeses. Os da Gália e da Polónia invadem a Alemanha, Bélgica, Dinamarca e mesmo a Suécia e naturalmente trabalham por salários mais baixos que os camponeses do país. Sucede o mesmo com os operários da construção. Antes da guerra eram os operários italianos os que eram alucinados de opressores dos salários de toda a Europa, hoje o norte da França está inundado de operários estrangeiros da construção e essa imigração converte-se num perigo para os operários da construção desse país que se vêem obrigados a tomar uma atitude sobre esse assunto. Aqui existe um perigo que poderia ser evitado pelas federações internacionais de indústria. Poder-se-ia chegar a obter que os mineiros de Inglaterra suspendessem o trabalho quando se declarassem em greve os mineiros alemães e vice-versa. O orador propõe-se elaborar uma resolução de acordo com Rousseau.

Este manifesta-se conforme as declarações de Souchy. Afirma que com socorros puramente financeiros o caso não se resolve. Devem realizar-se acções internacionais. Quando os operários da construção se declaram em greve, então podem ser ajudados financeiramente, de Portugal, por exemplo, não chegarão à Holanda operários da construção para servir de fura-greves. Mas nos marítimos e nos trabalhadores dos portos o caso é outro. Os operários não deviam deixar sair nenhum barco, nem transportar carvão, nem concertar um só barco, durante o conflito.

(Continua.)

Secção Telegráfica Federações

EMPREGADOS NO COMERCIO

Sindicato de Olhão.—Seguem as cadernetas e selos. Os requerimentos já foram entregues.

Vaz Marques.—Vila Real.—Esperamos carta.

Sindicato da Guarda.—Sobre o assunto ficou estabelecido que os empregados no comércio não podem entrar nos estabelecimentos antes das 9 horas nem depois das 19, ficando, portanto assente que não podem trabalhar mais que 8 horas.

CONSTRUÇÃO CIVIL

C. Civil de Oeiras.—Mandem buscar a vossa encomenda de papel timbrado.

Secretariado Nacional de Assistência Jurídica e Solidariedade CONSULTAS JURÍDICAS

Hoje, pelas 21 horas, o dr. Sobral de Campos dará consultas jurídicas a todos os operários confederados que delas necessitem, bastando para isso a apresentação da respectiva caderneta confederativa em dia.

HORARIO DE TRABALHO

Federação Portuguesa dos Empregados no Comércio (ZONA SUL)

Esta Federação acaba de editar um manifesto aos empregados no comércio, que está sendo profusamente distribuído por todo o país, e referente especialmente ao problema de organização e 8 horas de trabalho.

Este organismo tem conhecimento que em muitas localidades do país o regulamento do horário de trabalho não é rigorosamente cumprido, restando às classes das respectivas localidades o pugnarem pelo seu rápido cumprimento.

É necessário que a classe se unifique e combata pelo seu cumprimento.

Com especialidade esta Federação aconselha as direcções dos sindicatos a fazerem interessar a classe no assunto. Já se encontram na sede deste organismo os cartões para a fiscalização e as participações para as infracções, satisfazendo-se todos os pedidos para a província. Desde já, pedidos que devem ser dirigidos para a rua António Maria Cardoso, 20, 1.º

Cocheiros de Lisboa

Em reunião efectuada ontem foi resolvido encarregar a direcção da Associação de entrevistarse com o governador civil sobre o cumprimento do horário de trabalho e horas extraordinárias para serviços urgentes.

Foi marcada nova reunião para a próxima terça-feira, a fim de se tomar conhecimento dos trabalhos.

Condutores de Carroças

A comissão administrativa pede a comparencia de todos os sócios e não sócios amanhã, pelas 13 horas a fim de se tomarem resoluções sobre o cumprimento do horário de trabalho.

Banco Colonial e Agrícola Português

Neste Banco há dois dias foi imposta a hora de saída às 18,30 horas, isto é hora e meia depois da estipulada na lei.

Também a hora de saída aos sábados não é respeitada, pois as leis anteriormente publicadas estabelecem a saída às 16 horas sem hora de almoço.

Um outro facto digno de censura se passa neste Banco, a diminuição dos ordenados da maioria dos empregados, que regula em 50\$000 e 200\$000, enquanto os ordenados dos directores foram aumentados em 2.000\$000.

Estúpido proceder dos Industriais Têxteis de Riba do Ave

RIBA DE AVE, 25.—Nas fábricas de tecidos de Sampaio, Ferreira & C.ª, Lda e Silva, Guimarães, Pereira, o pessoal, que trabalhava 10 horas, fez sentir aos patrões que queria passar a ter o horário máximo de oito horas, visto ser isso um direito, que a própria lei reconhece.

Como resposta a esses senhores ameaçavam os operários de lhes reduzirem os salários, de suspender o fabrico por dois meses e mandaram pôr os motores e máquinas em estado de não poderem funcionar.

Este estúpido e desumano procedimento dos industriais ameaça provocar um conflito que pode alastrar e complicar-se.

E depois são os operários desordeiros e exigentes. —E.

Sempre a União Fabril

Não cessa a Companhia União Fabril de praticar contra os seus operários toda a casta de infâmias. Já mais duma vez nos temos referido a factos desagradáveis originários das draconianas medidas da sua gerência.

Com a malfadada questão do horário de trabalho, as mesmas injustiças se têm revelado, com uma senciocinomia que espanta.

Segundo uma carta que temos presente, sobre a nossa banca de trabalho, acaba de cometer-se na Fábrica das Fontainhas mais uma infâmia. A pretexto da falta de trabalho foram suspensos 150 homens, os quais todos os dias em cortejo sinistro se dirigem aos escritórios da Companhia suplicando trabalho!

Enquanto isto se passa, há operários ao serviço que trabalham diariamente 15 e 16 horas.

O pretexto invocado é simplesmente miserável!

Ninguém deve, pois, estranhar se esses 150 famintos amanhã, compelidos pela fome cometerem algum desatado.

O SINDICALISMO EM MARCHA

Um sindicato misto na Ribeira Branca

TORRES NOVAS, 25.—Está em via de organização um sindicato misto das classes trabalhadoras da Ribeira e arredores.

Uma tentativa feita em tempos, faliu, devido às manobras do odioso tonsurado da freguesia que incitou as mulheres a suplicarem aos trabalhadores que tal não fizessem.

Destá vez confia-se no bom resultado dos esforços feitos, pois trabalham activamente junto com a comissão organizadora Faustino Bretes, desta vila, António Pereira Freixo, actualmente em Ponte de Sôr, a camarada Miquelina Sardinha, de Ponte de Sôr também, e S. U. C. Civil.

Num dos primeiros domingos do próximo mês, realizar-se há um comício, para o qual vai ser distribuído um manifesto-convite, devendo nele constituir-se o sindicato.

Um sindicato rural em Torres Novas

Também nesta localidade se trabalha activamente para a constituição do sindicato.

A-pesar da classe ser numerosa, têm a comissão organizadora encontrado vários obstáculos, havendo entre eles o analfabetismo, a ininterrupta acção dos filhos de Loyola e o facto da propriedade estar muito fragmentada.

No entanto, o desânimo não vence a comissão.—C.

VOZ DO OPERARIO

Uma assembleia tumultuosa. O presidente pretende calar os protestos dos sócios auxiliares

A actual comissão administrativa eleita para suceder à comissão de sindicância, mandara elaborar um relatório, por um dos empregados da Sociedade, porque nenhum dos seus componentes tem capacidade para tal, no qual o referido empregado despejava o seu ódio num dos membros da comissão de sindicância, único nome dessa comissão citado no relatório. Como a assembleia não se satisfizesse com a simples leitura de tão insidioso como repelente documento, votou-se a sua publicação no órgão da Sociedade, para inteiro e completo conhecimento dos sócios auxiliares, das infâmias que encerrava.

Passaram-se algumas assembleias em que se tratou de reclamações de empregados que a comissão de sindicância afastara de situações insalubres, reclamações que a assembleia altivamente repudiou, até que se entrou na discussão do relatório.

A comissão administrativa, que havia firmado aquele documento com todos os seus nomes, na ignorância de que com esse gesto amarrara a sua responsabilidade às infâmias nele exaradas, foi violentamente atacada pelo membro da comissão de sindicância alvejado, José Maria Gonçalves, que ficara com a palavra reservada de uma assembleia em que começou a discussão do relatório.

A suspensão de garantias provocou um interregno nas assembleias da Voz, e quando novamente se voltou às assembleias, o presidente havia alterado a ordem de trabalhos, pretextando a urgência na votação dos orçamentos, porque a Sociedade não podia viver fora da lei.

A atitude do escrupuloso presidente, que durante quatro anos consentiu que a sociedade vivesse sem orçamentos, nem apresentação de contas, provocou suspeitas em alguns dos sócios auxiliares, que viram na alteração da ordem dos trabalhos uma manigância para pôr termo à discussão do relatório, que em tão maus lençóis colocara a comissão administrativa.

Satisfeitos os preceitos da lei com a votação dos orçamentos, e como não pudessem arosamente terminar a discussão do relatório pela interrupção das assembleias, deliberaram tomar uma atitude de expectativa perante os sócios auxiliares, e na quinta-feira última prosseguem-se nova discussão.

José Maria Gonçalves, que não compareceu às últimas assembleias, e que ficara com a palavra reservada para tratar do relatório, aparece para prosseguir na crítica violenta ao aludido documento, sendo constante-

mente interrompido por alguns dos sócios efectivos, que pretendiam estabelecer tumulto. Serenamente, prossegue escarpando o documento, desfazendo por completo as menfiras e injúrias nele contidas, afirmando que o relatório parecia ter sido escrito com a ponta duma navalha. Faz confrontos entre os números contidos no relatório e os do orçamento suplementar, provando ser este uma burla que a assembleia sancionou, e que foi propositalmente elaborado para dar a impressão de que a administração da comissão de sindicância fôra nefasta e perniciososa para a sociedade.

A uma interrupção do chefe do escritório, que queria defender a sua obra, o orador repeliu-a indignado, não admitindo que os empregados da Sociedade o interrompam. E sempre interrompido pelos sócios efectivos e da comissão administrativa, que queriam ver terminada tal discussão, por não terem argumentos a contrapor aos aduzidos, consegue chegar ao fim das suas considerações.

Estavam inscritos ainda vários sócios, mas um dos membros da comissão administrativa, como um *mot d'ordre*, para pôr termo à autopsia moral que estavam fazendo da sua obra, requereu que se dê a matéria por discutida.

Levantou-se grande tumulto, salientando-se alguns dos sócios efectivos que queriam calar os auxiliares. E o presidente suspendeu os trabalhos. O tumulto recrudescia com essa suspensão, trocando-se frases violentas e chegando-se quase ao *corps-à-corps*, prudentemente evitado pelos mais ponderados. E o presidente, ao contrário do que costuma fazer quando interrompe os trabalhos, anuncia que a próxima assembleia seria anunciada no órgão da sociedade.

Os membros da comissão administrativa encerraram-se no seu gabinete, e o presidente declara aos sócios auxiliares que se haviam agrupado nos corredores, que a comissão foi elaborar um programa para se presente à assembleia.

Deve ser fresco o tal programa elaborado a horas mortas por tão sublimes capacidades.

E com esta manigância da forçada suspensão dos trabalhos, por um período de tempo indeterminado, conseguiram atentar contra o único direito que os sócios auxiliares têm: o de falar nas assembleias.

E sempre que há repressão de direitos, produz-se reacção. E oxalá que ela não conduza os sócios auxiliares a conquistar o que os donos da Sociedade dos outros lhes tem negado.

UM CASO GRAVE

Alguns navios portugueses navegam em condições perigosíssimas

O Sindicato Unico Metalúrgico de Lisboa, enviou-nos o comunicado que segue e a que gostosamente damos publicidade:

«Continuam brincando com a crise de trabalho, isto é, fazendo com que os operários mais algumas semanas sofram as agruras da miséria assim como as suas famílias, já por mais de uma vez. A *Batalha* tem tratado em sucessivos artigos da forma criminosa como os armadores e as entidades competentes olham para a vida daqueles que para ganharem o pão se arriscam a navegar em tão miseráveis barcos que pessimamente são postos a navegar com o consentimento das autoridades respectivas.

O caso de hoje é o de todos os dias. Mais grave apenas pela acção criminosa da falta de história.

Trata-se do vapor *Sacavem* que se encontra num estado lastimável. Pode-se considerar que está inavaliável pois tem partes do costado podre.

Vejamos: tanto na popa como na ré, depois do trabalho da picança aparecem buracos. Para criminosamente se fugir à reparação feita por operários portugueses, que neste momento estão em crise, resolveram que esses buracos fossem tapados a cimento e pedras e bocados de madeira.

Apesar de vistoriado o barco encontra-se no estado referido. Tudo nos leva a crer que há interesses ocultos como se pode depreender pelo pequeno relato.

Também o barco *Tagus* foi a história. O estado da caldeira é péssimo, pois tem 17 tubos que funcionavam. Porém qual não foi o espanto do pessoal quando horas depois veio ordem para o *Tagus* poder navegar mesmo naquele estado, isto depois do seu dono ter dado umas voltas de automóvel com os vistoriadores. A história deu o dito por não dito horas depois...

Francês sem mestre por GONÇALVES PEREIRA

1 volume de 400 páginas 1\$300

Pelo correio 1\$650.

Pedidos à administração de «A Batalha»

Os rendimentos dos operários

Na enfermaria C. I. A. B. do Hospital de Santa Maria, deu entrada, José Luis de 28 anos, trabalhador, residente no Caminho de Baixo da Penha, 35, que, no Cemitério do Alto de São João, foi colhido por uma pedra, ficando muito contuso pelo corpo.

Uma greve de carteiros em Paris

PARIS, 26.—Os carteiros que ontem se declararam em greve, pretendiam invadir o palácio dos correios, sendo facilmente expulsos pela polícia.

Os grevistas retomaram esta manhã o trabalho, e a Câmara dos Deputados rejeitou por grande maioria a interpretação comunista sobre os motivos da greve.

Conhece o vosso país

TODOS DEVEM possuir o magnífico «Mapa de Portugal e da Europa», o mais completo em cidades, vilas, aldeias, rios, montes, etc. Preço: 2\$50, pelo correio 3\$00. Pedidos à Livraria Popular de Francisco Franco — 30, T. S. Domingos, 34.

Uma assembleia tumultuosa. O presidente pretende calar os protestos dos sócios auxiliares

mente interrompido por alguns dos sócios efectivos, que pretendiam estabelecer tumulto. Serenamente, prossegue escarpando o documento, desfazendo por completo as menfiras e injúrias nele contidas, afirmando que o relatório parecia ter sido escrito com a ponta duma navalha. Faz confrontos entre os números contidos no relatório e os do orçamento suplementar, provando ser este uma burla que a assembleia sancionou, e que foi propositalmente elaborado para dar a impressão de que a administração da comissão de sindicância fôra nefasta e perniciososa para a sociedade.

A uma interrupção do chefe do escritório, que queria defender a sua obra, o orador repeliu-a indignado, não admitindo que os empregados da Sociedade o interrompam. E sempre interrompido pelos sócios efectivos e da comissão administrativa, que queriam ver terminada tal discussão, por não terem argumentos a contrapor aos aduzidos, consegue chegar ao fim das suas considerações.

Estavam inscritos ainda vários sócios, mas um dos membros da comissão administrativa, como um *mot d'ordre*, para pôr termo à autopsia moral que estavam fazendo da sua obra, requereu que se dê a matéria por discutida.

Levantou-se grande tumulto, salientando-se alguns dos sócios efectivos que queriam calar os auxiliares. E o presidente suspendeu os trabalhos. O tumulto recrudescia com essa suspensão, trocando-se frases violentas e chegando-se quase ao *corps-à-corps*, prudentemente evitado pelos mais ponderados. E o presidente, ao contrário do que costuma fazer quando interrompe os trabalhos, anuncia que a próxima assembleia seria anunciada no órgão da sociedade.

Os membros da comissão administrativa encerraram-se no seu gabinete, e o presidente declara aos sócios auxiliares que se haviam agrupado nos corredores, que a comissão foi elaborar um programa para se presente à assembleia.

Deve ser fresco o tal programa elaborado a horas mortas por tão sublimes capacidades.

E com esta manigância da forçada suspensão dos trabalhos, por um período de tempo indeterminado, conseguiram atentar contra o único direito que os sócios auxiliares têm: o de falar nas assembleias.

E sempre que há repressão de direitos, produz-se reacção. E oxalá que ela não conduza os sócios auxiliares a conquistar o que os donos da Sociedade dos outros lhes tem negado.

FESTAS ASSOCIATIVAS

No Sindicato Unico dos Fogueiros de Mar e Terra

Realiza-se amanhã neste Sindicato, a inauguração da Escola de Instrução Primária para ambos os sexos, havendo uma sessão solene na qual tomam parte delegados da C. G. T., Federação Marítima e de diversos organismos.

É a terceira escola de Instrução Primária dentro dos Sindicatos Marítimos desde o Congresso Marítimo realizado em Aveiro.

Sobre o tema *ensino livre* fará uma conferência o professor do Liceu Pedro Nunes sr. Eduardo Simões.

Operários alfaiates

É já amanhã que se realiza a festa do 34.º aniversário deste sindicato e cujo programa é o seguinte:

A's 14 horas inauguração da nova bandeira associativa, oferta de um grupo de sócios, seguida de sessão solene, em que usará da palavra delegados da C. S. T. de Lisboa, I. S. V., etc., seguindo-se a entrega de diplomas aos alunos da aula de corte profissional, aprovado no exame que se realizou no passado dia 14 e inauguração de uma aula de francês, cuja inscrição se encontra aberta no sindicato.

A's 20 horas, conferência por um conhecido militante operário. Todos estes actos serão arrelhados, como temos noticiado, por um distinto grupo musical.

Hoje reúne a comissão pró-aniversário e a direcção deste sindicato.

SOLIDARIEDADE

No Salão da Construção Civil

Realiza-se hoje, 27, a festa de solidariedade a favor de Anibal Castanheira e Anselmo Baptista, estando o desempenho desta festa a cargo do grupo dramático Luz e Progresso, que gentilmente se prestará a dar-lhe o seu concurso.

Tomam parte nesta festa alguns cultivadores da canção nacional.

Uma roça em Lisboa

Numa fábrica de fiação em Xabregas explorava-se desumanamente o pessoal

Na Fábrica de fiação Black, em Xabregas, é o pessoal tratado como se estivesse numa roça.

O horário das 8 horas de trabalho não é ali respeitado, dizendo o administrador sr. Santos que cumpre a lei, pois paga as horas suplementares a dobrar. Se isso assim é, as horas suplementares fazem-se todos os dias, e os ordenados são inferioríssimos.

Os carpinteiros e serralheiros auferem salários de 1\$300, 1\$400 e 1\$500.

O pessoal textil então ganha a miséria de 6\$00 por 16 horas de trabalho diário.

Como se isto não bastasse uma parte dos encarregados e outros superiores entretêm-se a perseguir o pessoal, exercendo represálias sobre aqueles operários que não se submetem às exigências que entendem por bem fazer-lhes.

Mas se a direcção da fábrica não tem pelo seu pessoal a consideração devida, deve este lutar para que lhe reconheçam.

Não é admissível que alguém trabalhe e se delimite, por excessos incompatíveis com o seu físico e por insuficiência de recursos, como deve suceder a esses que ganham seis escudos trabalhando de sessenta horas.

Vida Sindical

COMUNICAÇÕES

Federação da Construção Civil.—Reuniu antontem o Conselho Federal tendo apreciado diverso expediente, ao qual foi dado o devido andamento.

Pela Comissão Administrativa foi dado conhecimento da constituição dos Sindicatos de Lousa, Escalos de Cima, Monchique, Loulé e Oliveira, tendo os quatro primeiros dado já a sua adesão à Federação. Foram apreciados officios de diversos Sindicatos expondo a forma revoltante como o patronato coadjuvado pelas autoridades estão procedendo para com os operários que exigem o cumprimento do horário de trabalho. O Conselho analisou detalhadamente este assunto tendo resolvido desenvolver através de todo o país uma intensa propaganda escrita, de forma a destruir os infames maneios daqueles que pretendem angustiar a conquista do dia de 8 horas de trabalho, resolvendo mais incitar todos os Sindicatos e operários a manterem por todas as formas inalterável o horário do trabalho.

Fragateiros do Porto